

Exmo. Senhor Embaixador da República Popular da China em Portugal, Senhor Zhao Bentang
Exmo. Senhor General Vasco Rocha Vieira,
Exma. Senhora Professora Fernanda Ilhéu,
Caros Amigos,

Gostaria de começar por agradecer à Associação da Nova Rota da Seda o honroso convite para fazer parte deste ilustre leque de convidados com que regularmente nos brinda, convite esse que considero um privilégio de modo nenhum merecido. Ainda assim, farei por não fastidiar os participantes em demasiado; e procurarei transmitir algumas ideias que nos permitam continuar a conversa durante o almoço.

Uma nota inicial, ainda, para sublinhar que o trabalho deste *Think Tank*, a Associação ANRS, é exclusivamente fruto da entrega pessoal e do voluntarismo de alguns entusiastas liderados pela Professora Fernanda Ilhéu; a ANRS não goza de qualquer subvenção, ou reconhecimento público – oficial ou oficioso –, daí a importância, tantas vezes incompreendida, da necessidade de novas adesões, quotização e apoios de diferente ordem.

Efectivamente, o trabalho da ANRS é essencial: a produção de conhecimento e o debate de ideias relativos à Rota da Seda, suas infraestruturas, e projecto de desenvolvimento económico e comercial, são fundamentais para informar o público, mas também para coadjuvar os governantes portugueses nos processos de decisão que decorrem das suas funções e responsabilidades, pesem embora quer as pressões estrangeiras que o denigrem, quer os afazeres nacionais que – infelizmente, mas não poucas vezes – desviam a condução do país do interesse nacional, que é, por definição, independente. Sublinho: **o interesse nacional é independente!**

Não percamos de vista que o interesse nacional é inequívoco: trata-se de realizar as escolhas e tomar as decisões que melhor servem os cidadãos da cada nação, ou seja, além do carácter de independência, o referencial de legitimidade é sempre o bem-estar dos indivíduos que compõem uma Nação. Mas, o interesse nacional é também a forma de introduzir racionalidade no convívio internacional, onde, cada país, deve prosseguir, de forma independente, o interesse dos seus cidadãos.

Se os diferentes interesses nacionais forem claros, os laços internacionais serão sempre susceptíveis de ser geridos, na medida em que a referida clareza os torna compreensíveis. O perigo reside em permitir que interesses particulares, sejam eles estrangeiros ou de grupos de interesse com agendas próprias, suprimam o interesse fundamental da Nação, i.e. o bem-estar dos indivíduos que a constituem. Nesse momento, o interesse nacional torna-se imprevisível e/ou insuportável, pelo que a desconfiança toma conta das relações internacionais.

É precisamente para construir a confiança e compreender o outro que pensamos, dialogamos, cedemos mutuamente onde necessário, e nos respeitamos até onde divergimos, porque compreendemos o outro; e a ANRS explica o que é a Rota da Seda, seus méritos, percurso e intenções, por forma a que a sociedade e os governantes portugueses compreendam a iniciativa e, em última instância, dela possam retirar para os seus cidadãos os maiores benefícios possíveis, com a ponderação e racionalidade de quem compreende que os interesses nacionais de cada país muitas vezes são divergentes, mas raramente irreconciliáveis.

Assim, através desse diálogo transparente, construtivo e cooperante, constrói-se a confiança entre os Povos e seus dirigentes. A **responsabilidade** de construir a confiança entre os Povos encontra-se primeira e primordialmente nos dirigentes nacionais. É por isso que se espera de um líder nacional que promova a Paz e o entendimento entre os Povos, da mesma forma que não se entende a prossecução de políticas ou intervenções públicas simplistas que promovem a divisão dos Povos e países entre bons e maus, que mais não é que um pleonasmo para “xenofobia”. A este propósito, de como se constrói ou corrói a confiança, gostaria de ilustrar com dois exemplos. Um positivo e um negativo.

Começando pelo negativo, destacaria a deliberação do Governo português que, em Maio de 2023, decidiu banir os fornecedores chineses de 5G, o que, além de revelar a face do pior que existe no actual populismo político, exprime igualmente a permeabilidade do interesse português e uma prática xenófoba, além de constituir um erro histórico contrário aos interesses económicos e ecuménicos portugueses.

Colocar o preconceito, a incompetência e interesses estrangeiros à frente do Estado de Direito, das mais-valias para os seus cidadãos e do desenvolvimento económico do país é o estado de cegueira a que chegaram as elites dirigentes da Nação! Peço desculpa aos mais susceptíveis pelas palavras duras, mas a realidade é o que é e é necessário enfrentá-la quanto antes, no sentido de alterar o rumo trágico que vemos desenvolver-se à frente dos nossos olhos.

No entanto, gostaria também de dar um bom exemplo de como o interesse dos indivíduos nacionais e a independência de o prosseguir podem prevalecer quando os líderes são GRANDES! Para esse efeito, peço a todos que oiçam ou leiam o discurso “Uma Estratégia pela Paz” (<https://lnkd.in/dvNscFq2>), proferido dia 10 de Junho de 1963 por John F. Kennedy – quem me segue, sabe que eu faço muitas vezes referência a este discurso. Já voltarei a ele ao terminar esta exposição.

Posto isto, é fundamental construir e confiança e colaboração para obter crescimento económico e bem-estar social. Infelizmente, os actuais líderes europeus – não poucas vezes populistas e cientes da insusceptibilidade de responsabilização –, aparentam ter esquecido a obrigação em que se encontram investidos de prosseguir o interesse nacional e os conceitos humanistas que estão na génese da moral e dos valores do projecto

Europeu do desenvolvimento económico e da paz no espaço único. Esse “esquecimento” conduz-nos a um roteiro perfeito para substituir a racionalidade e ponderação dos interesses nacionais pela manipulação das emoções e paixões, colocando Povos contra Povos, o que por sua vez está na origem do atraso económico e retrocesso social na Europa, porventura até guerra. Devemos, quanto antes, alterar o guião da confrontação pelo estandarte da colaboração e do desenvolvimento tecnológico e económico, que conduz à paz, beneficia todas as partes – em particular os referidos indivíduos (que somos todos nós) –, e está em sintonia com os interesses nacionais, os valores e a moral europeia.

Posta esta reflexão preliminar, existem actualmente três propostas de fazer chegar apoio financeiro e de infraestruturas de desenvolvimento económico e social aos países emergentes, cujas necessidades se estimam em mais de 40 triliões de euros – um trilhão ou trilhão é um milhão de biliões (a unidade seguida de 18 zeros). Têm em comum o facto de serem iniciativas voluntárias relativamente aos seus beneficiários, no sentido em que os países, entidades ou empresas que pretendam beneficiar dos mecanismos previstos, deverão tomar a iniciativa de apresentar propostas susceptíveis de se enquadrarem nas condições comerciais e financeiras pré-definidas, sem prejuízo de ajustes subsequentes, como aliás já se verificou.

Rota da Seda (BRI): A iniciativa mais avançada, já com 11 anos de existência e com um registo mensurável, é a Iniciativa da Rota da Seda, na sigla inglesa BRI. Como todos sabem, este projecto teve início com uma proposta do Presidente chinês Xi Jinping, em 2013, quando anunciou o objetivo de promover o comércio entre a China e outros países ao longo das antigas rotas da seda, através da ampliação de infraestruturas, integração económica regional e da facilitação do comércio e investimento, contribuindo dessa forma para o desenvolvimento económico global através de um efeito em cascata de aumento do PIB mundial.

Os países beneficiários e participantes deste projeto variam, sendo mais de uma centena, e incluem países de praticamente todas as partes do mundo, nomeadamente da Ásia, África, Europa e América Latina. A iniciativa é exclusivamente financiada por instituições financeiras chinesas e investiu já mais de um trilhão de euros, tendo privilegiado as infraestruturas de conectividade física e digital, a criação de emprego e o acesso dos países emergentes aos mercados globais. Parece evidente que Portugal se enquadra mais na qualidade de cooperante do que beneficiário, sendo certo que os países beneficiários óbvios, onde a participação de Portugal faria sentido, são os países de expressão portuguesa de renda baixa. De alguma forma, as empresas nacionais poderão ser beneficiadas, sempre que o seu envolvimento e cooperação se demonstre vantajoso no contexto dos apoios financeiros ao desenvolvimento concedidos pela BRI a algum desses países. O que efectivamente já sucedeu.

Build Back Better World (B3W) – a iniciativa Build Back Better World, liderada pelos EUA, surgiu em 2021 na sequência da Cimeira do G7 que decorreu no Reino Unido,

aparentemente como uma “alternativa” à BRI e assente em 4 pilares de investimento: 1)alterações climáticas, 2)saúde, 3)tecnologias digitais e 4)equidade e igualdade de género. Surgiu com vários objetivos, nomeadamente a promoção de padrões elevados de governança e o investimento em infraestruturas sustentáveis em países em desenvolvimento, mas o ponto principal anunciado são os valores que estão na base dos objetivos, nomeadamente a transparência, sustentabilidade e o respeito dos direitos humanos.

<https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2021/06/12/fact-sheet-president-biden-and-g7-leaders-launch-build-back-better-world-b3w-partnership/>

Rezam os comunicados emitidos na altura que cada país do G7 deveria contribuir para a capitalização do fundo, mas a orientação do seu apoio poderia ser ponderada pelas geografias visadas por cada um desses países. Este projecto foi entretanto desnomeado e, de alguma forma, subdividido em dois, então baptizados de [Partnership for Global Infrastructure and Investment \(PGII\) & India-Middle East-Europe Economic Corridor \(IMEC\)](#).

O PGII foi anunciado em Setembro de 2023 e trata-se de uma iniciativa que visa reduzir as lacunas infraestruturais nos países em desenvolvimento, bem como em ajudar a acelerar o progresso nos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (SDG na sigla inglesa) a nível mundial. Ainda não foram revelados mais detalhes relativamente à evolução desta iniciativa.

Já o IMEC, anunciado em Maio de 2023 por ocasião do encontro do G7, no Japão, foi anunciado como um Corredor Oriental que liga a Índia à região do Golfo e um Corredor Norte que liga a região do Golfo à Europa. Pretende-se incluir uma rede de trânsito ferroviário e navio-ferroviário e rotas de transporte rodoviário. Um memorando de entendimento sobre o IMEC foi já assinado pela Índia, EUA, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, União Europeia, Itália, França e Alemanha. No entanto, este projecto está ainda na fase de mobilização de fundos, no sentido de arrancar em concreto o mais cedo possível, conforme indicam os comunicados de imprensa. <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2023/05/20/fact-sheet-partnership-for-global-infrastructure-and-investment-at-the-g7-summit/>

Global Gateway – já a Estratégia Global Gateway surge no seio da União Europeia (UE), pela primeira vez, em Dezembro de 2021, como irmã do referido, mas, entretanto, descontinuado, Build Back Better World, na sequência da Cimeira do G7 realizada no Reino Unido, em Maio de 2021, com o propósito de aumentar a conectividade global e, à semelhança da estratégia irmã, como alternativa à Rota da Seda da China.

Os principais objetivos são o investimento em países parceiros na Ásia, América Latina e África, com o intuito de investir em infraestruturas digitais (internet), energéticas (transição verde), de transportes, saúde (produção de vacinas) e educação (grupos

desfavorecidos), de forma a fortalecer conexões resilientes e a promover o desenvolvimento sustentável. <https://portugalglobal.pt/media/d4nl0gaq/guiao-global-gateway-fev-2024.pdf> e https://commission.europa.eu/strategy-and-policy/priorities-2019-2024/stronger-europe-world/global-gateway_en#:~:text=The%20Global%20Gateway%20strategy%20is%20a%20template%20for,von%20der%20Leyen%2C%20President%20of%20the%20European%20Commission

Esta iniciativa tem a particularidade de não prever a mobilização de novos fundos, mas sim recorrer a mecanismos e fontes de financiamento já existentes na UE, no sentido de redirecionar cerca de 300 mil milhões de euros entre 2021 e 2027 para o projecto Global Gateway.

Comparação crítica – Em primeiro lugar, é importante sublinhar que nunca teremos iniciativas a mais que procurem levar desenvolvimento económico e progresso social aos quatro cantos do mundo. São todos bem-vindos!

A Rota da Seda (BRI), liderada pela China, é a mais estabelecida e ambiciosa em termos do seu alcance, mobilização de fundos e investimentos realizados nos países emergentes, com benefícios amplos e verificados sobre as populações beneficiadas.

O Build Back Better World (B3W) acabou por não passar da enunciação dos princípios. Viria a desaparecer e subdividir-se em dois projectos (IMEC e PGII) que estão ainda em fase muito embrionária, pelo que não são susceptíveis de avaliação. No entanto, os progressos das iniciativas substitutas devem ser encorajadas, na medida em que o desenvolvimento de infraestruturas e vias de comunicação para comércio são altamente benéficas para o progresso económico e social das populações dos países emergentes, desde logo começando por necessidades tão básicas como a fome, a pobreza, a saúde, a energia e a educação.

Já o projecto Global Gateway parece estar suficientemente estruturado, mas o facto de não prever a convocação de meios financeiros, esvazia um pouco o seu valor adicional. Sem prejuízo, o redireccionamento de fundos é potenciador de uma narrativa refrescante e energizada, que poderá conduzir os países e populações beneficiadas a novos patamares de desenvolvimento através da infraestruturação de meios essenciais ao progresso desses países, pelo que deve igualmente ser encorajado por todos nós e aproveitado pelas nossas empresas.

Conclusão – O ponto essencial a reter é o equívoco do G7 das duas iniciativas, tornadas trêes, terem sido elaboradas como resposta e para competir com a iniciativa chinesa. É tudo ao contrário, se conseguirmos não perder de vista o conceito de interesse nacional a que aludimos na nota preliminar. As quatro iniciativas podem e devem ser complementares umas das outras e coordenadas entre si, no sentido de maximizar os

seus efeitos e levar o progresso, a paz e a prosperidade a mais pessoas e geografias. Não deveria sequer ser uma questão, mas é, por isso é necessário expô-la.

Se os três grandes blocos económicos da actualidade – EUA, China e Europa – trabalharem de forma coordenada, teremos um mundo exponencialmente mais próspero. No entanto, somos liderados por gente pequena, que prefere o confronto à paz, o retrocesso ao progresso, a pobreza à prosperidade.

Felizmente, não me canso de o dizer, há, houve e sempre haverá gente GRANDE.

Por isso, encerro, lembrando, que John F. Kennedy evitou um conflito nuclear – e pôs um travão à corrida armamentista e testes nucleares – que teria extinguido ou quase-extinguido a espécie humana. Fê-lo com um discurso! Oiçam-no – são apenas 26 minutos e 47 segundos.

Foi tão simples como lembrar que os russos da URSS também são humanos e que ambicionavam tanto a paz como os americanos e o resto do mundo. O Presidente americano conseguiu injectar na opinião pública uma dose extra de confiança de que a paz mundial era possível e que a guerra nuclear não era inevitável. A mensagem chegou à URSS. Na sequência, Nikita Khrushchev deu ordem para que o discurso fosse traduzido sem alterações e transmitido em todos os meios de comunicação soviéticos. Ao mesmo tempo, Khrushchev chamava o Embaixador americano em Moscovo para informar que a URSS queria assinar o acordo que punha fim aos testes nucleares. Cinco semanas mais tarde, o acordo estava assinado – [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado de Interdição Parcial de Ensaio Nucleares](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado_de_Interdição_Parcial_de_Ensaio_Nucleares).

Infelizmente, cinco meses depois o Presidente JFK era assassinado. Se se deveu a este discurso e à pulsão desarmamentista de JFK, valeu a pena, pois salvou a humanidade lembrando que somos todos igualmente humanos e ambicionamos a mesma paz e desenvolvimento.

Precisamos, também hoje, de um JFK, alguém que dê o primeiro passo no sentido de evitarmos um conflito de extinção da espécie humana. Khrushchev viria mais tarde a considerar o discurso "the greatest speech by any American President since Roosevelt" - <https://lnkd.in/dvNscFq2>

Laozi, 400 anos antes de Cristo, já dizia: "A journey of a thousand miles must begin with a single step". Acima de tudo, é responsabilidade dos actuais líderes evitar a escalada de conflitos entre potências nucleares.

Muito obrigado, fico disponível para questões ou para começarmos o almoço!